

Esta regra soffre diversas modificações. Quando concorrem varios substantivos, o qualificativo concorda com o ultimo:

A prudencia, a moderação, sincera. Desejos e virtudes puras.

Com os numeræes é permittida a concordancia do substantivo no plural quando se enumera: *o terceiro e o quinto imperadores.*

Não se trata aqui do caso em que o qualificativo é attributo. (Vide o Cap. antecedente.) (1)

O adjectivo *meio* pôde ser usado adverbialmente; é então invariavel:

Olhos *Meios* abertos

Pôde igualmente fazer a concordancia, como nos exemplos de A. Herculano: *meios nús* (Eur., IX), familias hebreas *meias mortas* (Inquis., I, 217).

Eu te encontrei num alcantil agreste

Meia quebrada, ó cruz.

(Harpa do Crente). (2)

Concordancia dos compostos. — Os nomes compostos tomam o plural em ambos os elementos

(1) Escreve-me Firmino Costa:

“O sr. Freire da Silva (Gramma. Port. pag. 328) acha incorrectos estes dizeres — as litteraturas franceza e italiana, os primeiro e segundo andares — ao passo que Pacheco e Lameira, em sua gramm. á pag. 557, os consideram correctos. Exemplos classicos confirmam este ultimo parecer: “com que a nobreza e povo d'esta villa se oppoz aos *estados ecclesiasticos e secular* da cidade de Braga.” Fr. Luis de Souza, Vida do Arcebispo, I, 6; “sob a relação da educação domestica, e das *affeições conjugal, filial e paternal*”. Castilho, Colloquios, 148; “*as naturezas angelica e humana*”, Bernardes, Ex. Esp. II, 559; “*aristocracias secular e ecclesiastica*”. A. Herculano, o Bobo. 8.”

Tem razão Firmino Costa. o mesmo nome proprio não escapa á concordancia, quando se quer, como fez Camões:

O quarto e o quinto *Affonsos* e o terceiro.

Lus. I. 13

(2) Veja-se a *Selecta Classica*, nota n. 138.

componentes, quando este representam a funcção propria de nomes:

Surdos-mudos
Capitães-tenentes, etc.

Quando um dos elementos tem funcção adverbial ou está atrophiado, o plural só é indicado pelo ultimo:

Sciencias physico-chimicas
Linguas neo-latinas (1)
Crianças recém-nascidas
Jornaes luso-brasileiros
Os gran-cruzes.

Emprego dos numeraes. — Os numeraes podem, como outras palavras, ser empregados substantivamente: *o cinco de ouros; quatro é o dobro de dous, cincoenta e cinco* escreve-se com dous cincos. (2)

Os numeraes cardeaes sempre precedem o nome: *vinte dias*. As excepções notam-se no estylo poetico e em alguns proverbios: "Em abril, aguas *mil*".

Os ordinaes podem ser substituidos por *cardeaes*, especialmente em numeros altos: *pagina vinte e cinco; capitulo quatorze; seculo dezenove*.

(1) Não me parece que se deva substituir *neo-latino* por *novilatin* ou peiormente *novo-latino*. Não ha hybridismo, por que nomes proprios e geographicos são inevitavelmente de todas as linguas. O composto de caracter syntatico *novilatin* é uma imitação do neologismo *novilunio*, que nunca existiu no latim (e nem existiram n'elle palavras formadas com o prefixo *novi*).

(2) Foi já notado na primeira parte que *milhão* equivale a *conto*, e que este é preferido, quando se trata de moeda: um *conto*, dez *contos*. Assim é, no uso commum. Comtudo, uma ou outra vez se deparam, nos classicos, exemplos como este de Manoel Bernardes: "Valentino Gerardo affirma... que sobre o mestre das sentenças tinham composto de commentarios naquella universidade um *conto* e cem mil auctores." *Floresta*, V. 307.

Nos seculos XV e XVI o uso dos cardeaes era frequentissimo e antecedião o substantivo, como se vê em Zurara: “Nos *doze* capitulo ãe Tobias...”.

Nesse tempo não eram de uso os ordinaes eruditos: *undecimo*, *duodecimo*, etc. Deparam-se ainda *onzeno* e *dozeno* nos classicos quinhentistas e seiscentistas.

Os numeros coordenam-se por meio da copulativa *e*: *cento e vinte e cinco*.

Collocam-se *antes* ou *depois* do nome, preferentemente *antes*, quando se designar a parte antes do todo:

Na *primeira* metade do *seculo*
No *quinto* mez do *anno*
No *segundo* canto dos *Lusiadas*
No *segundo* seculo da *era christã*.

O numero *cento* possui a fórma contracta *cem*, que se emprega sómente quando vem só ou quando precede uma unidade superior: *mil*, *milhão*, *cem mil*, *cem milhões*. Nos outros casos emprega-se *cento*, *cento e trinta*, etc.

Comtudo, na linguagem forense emprega-se *cento* por *cem*. Lê-se no *Memorial a D. João IV*, de D. Francisco Manoel:

“Mil cruzados para a parte, duzentos para as despesas da mesa e *cento* para o seu juizo.”

Os numeræes de numero elevado soffrem muitas vezes translações de sentido e perdem a noção mathematica e pura que representam.

Mil vezes obrigado.
Com mil e quatrocentas bombas!

Identica expressão emphatica, consagrada no latim do tempo de Plauto, era *sexcenti*. Na idade média, nos romances, occorre a fórmula *quingenti* (Diez). (1)

(1) Quando um numero de cousas já existe consagrado pelo uso, não é de bom conselho alteral-o sob qualquer fundamento. No 1.º manuscripto (o de Faria de Souza) dos *Lusiadas*, I, 12, estava:

Os onze de Inglaterra e o seu Magriço.

O grande poeta emendou, e excellentemente, na edição impressa.

Os doze de Inglaterra e o seu Magriço.

Por onde se conserva a expressão *doze* de Inglaterra e inclue-se, sem sommar a estes, o Magriço.

Nos numeros compostos de *um* era syntaxe antiga fazer a concordancia com o ultimo; isto é, no singular:

cento e *um* dia
vinte e *um* escudo

Syntaxe hoje fóra de uso.

Grãos. — O portuguez admittre a emphase do grão, adaptando adverbios ás formulas do comparativo e do superlativo *muito mais formoso*, *mui formosissimo*, *assaz formosissimo*, etc. (1)

No espanhol, observa Salvá que a inflexão vale mais que a periphrase, e que *doutissimo* diz mais do que *muito douto*. Tambem em francez *rarisime* vale mais que *très-rare*.

(1) Escreve-me Firmino Costa:

“Neves Pereira ensina que, nas phrases — *o mais sabio e o mais constante* dos philosophos ou *o mais sabio e constante* dos philosophos, — é correcta sómente esta ultima. Do estudo. porém, dos classicos se verifica que tanto nos superlativos como nos comparativos, podemos repetir ou não os adverbios, conforme a clareza ou a euphonia da phrase o exigir, parecendo ser mais emphatica a repetição. Para não tornar longa esta nota vejamos apenas exemplos de superlativos.

“Por ser este o melhor e o mais rico porto.” Fernão M. Pinto, Liv. classica, I, 104.

“O maior e mais verdadeiro servidor.” Sem repetição do artigo.) Vieira, Cartas, I, 10.

“Mas tornava de cêra os mais duros e mais emperados corações.” Fr. Luis de Souza, Vida do Arcebispo. I, 451.

“São os mais raros e os mais fascinantes olhos que ha.” Garrett, Viagens na minha terra, I, 116.

“Louvae obras do Senhor e Senhora, porque ella é a mais nobre a mais excellente e perfeita obra do Senhor!” Bernardes. Luz e Calor, 561.

“De quem se conta nas historias a mais incrível e singular fineza.” Latino Coelho, Vasco da Gama, I, 84.”

O mesmo se dá no portuguez, e isto explica a preferencia das fórmulas syntheticas consagradas nos titulos: *illustrissimós, reverendissimos, etc.* (1)

Gráo superlativo, intensidade ou energia maior da expressão pôde ser conferida pelo adverbio *mal*, apposto a certas palavras. Assim, diz Ruy Barbosa:

“E’ muito da nossa boa linguagem, entre os que a tem sabido falar com elegancia, o emprego do adverbio *mal* na excepção de *mamente, de modo máo, muito, iniquamente, gravemente, duramente, asperamente, severamente.*”

“Vejo-me *mal* castigada”. (GIL VICENTE: *Ob.*, II, pagina 485.) (Isto é, *severamente castigada.*)

“Fareis bem de vos tornar,
Porque estou mui *mal sentido.*”

(Isto é, mui *profundamente sentido.*)

“Não somente dá vida aos *mal feridos.*”

(CAM.: *Lus.*, IX, 32.)

“Já o tyranno ia embainhando sem sangue a *mal temida espada.*” (VIEIRA: *Serm.*, v. IV, p. 105.)
Isto é, a *mui temida.*

“Quer em jogo, quer em sanha, sempre o gato *mal arranha.*” JORGE FERREIRA: *Eufros.*, c. II, sc. 4.

“Um adagiozinho, que a mandriões, como eu, regala o papo: “Mais val bem folgar, que *mal trabalhar.*” CASTILHO: *Colloq.*, p. 328. Quer dizer: mais val folgar bem, que trabalhar *muito* ou *asperamente.*”

“Muitas vezes sahia *mal-ferido* d’aquelle combate desigual.” HERCUL.: *O Bôbo*, p. 35.

(1) Talvez por essa razão, em vez de *mais sublime*, empregou Vieira *sublimissimo* na phrase:

“As quaes (cousas) se não podiam entender e penetrar só com a agudeza dos entendimentos, *por sublimes e sublimissimos* que fossem”. *Historia do jut.* Cap. II.

O superlativo relativo pede depois de si o emprego da preposição: *o mais valente DE todos.*

Os comparativos de superioridade e inferioridade pedem o emprego das locuções: *de que, do que, que.*

Mais bella do que a rosa, menos bella do que a violeta ou que a violeta. (1)

Mais e menos repellem sempre as fórmulas contraídas *muitum, quam* (muito mais, tanto menos, etc.).

Note-se que, comquanto *maior, menor, peor, etc.*, exijam a conjunção *que* (*maior que a serra*), os comparativos *superior, inferior, interior, exterior*, por esquecimento etymologico, rejeitam identica syntaxe; seria erro dizer: *superior que aquelle, etc.*

A boa syntaxe consiste em adoptar o caso sujeito depois do regimen: *mais rico que eu; mais pobre do que tu.*

No entanto é commum encontrar nos documentos antigos e algumas vezes (raras) nos livros classicos a syntaxe: *melhor que mim, mais rica que ti.* Este uso não deve ser imitado, ainda que seja analogo ao francez.

Exemplo colhido pelo Dr. Silva Ramos: o emprego de *ti* depois do comparativo:

Tão velhaca é como *ti*?

Camões, *Amphitr.*

(1) E' digno de nota que o segundo membro pôde ter a fórmula *apparentemente negativa*, quando o comparativo é fraco ou tímido na expressão: A ruina de Roma foi *mais causada* das innumeraveis gentes do Norte *que não* da sua destreza militar. (Severim — *Not.* I, 4).

Tambem o comparativo pôde exprimir-se com maior intensidade por meio de circumloquios e expressões adequadas. *Da vantagem* empregou Filinto Elysio e tambem Camões:

Mas eu por *da vantagem* merecel-os
Dei mais a vida e alma por querel-os.

O comparativo de igualdade *tam* exigem o emprego da subordinação pelo adverbio *como* ou *quanto*, *quam*. *Tam modesto, quanto sincero. Tam rapido como o raio.* (1)

Nos comparativos de superioridade e inferioridade, a syntaxe italiana exige o emprego de *de*: *più bella dei fiori*. O antigo portuguez tinha frequentes vezes syntaxe semelhante: *Mais fremosa de outras.* (2)

E ainda na lingua actual usamos, em expressões um pouco differentes, identica syntaxe: *mais de cincoenta leguas* (*mais do que cincoenta leguas*).

O uso do superlativo emphatico é classico e auctorizado. Barros diz: *muy antiquissimo*; os italianos dizem *più doctissimo*, e os latinos diziam: *longè doctissimus*. Na syntaxe antiga do portuguez dizia-se: *mui muito altos* (montes). (3)

— O gráo pôde ser determinado por varios modos. (4)

(1) Os superlativos syntheticos absolutos podem ser usados como relativos, por latinismo: *a formosissima das mulheres*, etc. Este uso é raro, sendo todavia mais frequente com os superlativos *ultimo*, *minimo*, *infimo*: *a ultima das glorias, o minimo dos seres*.

(2) Porque ei medo que alguém dirá...
que vos ameí sempre mays d'outra ren.

C. da Vat., n. 15

(3) *Diccion. de Syn.* por F. de S. Luis, n. 306.

Certos usos de elegancia deparam-nos os exemplos: o maior, o *maiorissimo* empenho (Eça de Queiroz) "*O perfeitoissimo dos homens depois de Christo, o Baptista*". Elle era o *pessimo* de todos os nascidos". Exemplos colhidos e estudados por F. Costa.

(4) Uma das fórmulas populares de gráo ou emphase é feita com o prefixo *re*: *velho, revelho*.

Hei de ser *vosso* e *revosso*.

Amphitr

Na mesma *Comedia*, emphase semelhante se depara com o verbo.

Que quando estas damas taes
Me *cacham*, então *recacho*.

1. Possessivos

Os possessivos collocam-se ordinariamente antes do substantivo: *meu pae, vossa senhoria*. (1).

No antigo portuguez, seculos XII e XIII, existiam as fórmas *ma, ta, sa*, contraídas de *mia, tua, seu, sua*. Estas só eram usadas depois, e as outras, antes do substantivo: *Ma senhor (minha senhora), Senhor mia*, etc.

Os possessivos *meu* e *nosso* empregam-se em estylo comico para designar a pessoa de que se trata:

“*Festiu-se o nosso deão, e rapido partiu.*” Diniz,
Hyssope.

No periodo contemporaneo da lingua já se começa a dizer sem o artigo: *meu chapéo, meu livro*. A syntaxe antiga parece que quasi sempre punha o artigo em evidencia, o que se nota nas phrases consagradas pela religião e pelo estylo official: *venha a nós o teu reino; a tua vontade. A minha real camara*, etc.

O uso dos possessivos não é elegante, e é por isso frequentemente evitado com grandes vantagens no estylo idiomático da lingua.

Cortou-me o braço

(meu braço)

Ouvia-se-lhe a voz

(sua voz)

Dos tres filhos *que tenho*

(meus)

Um rei *que temos* (*Lus.*, II, 80)

A fama das victorias *que tiveram* (I, 3).

Venho *de casa*.

Terra *da patria*.

(1) Ha uma elegancia de expressão, e é recurso da nossa lingua modificar o sentido e a applicação do possessivo, quando este se colloca depois. *Minhas saudades* quer dizer — as saudades que sinto. *Saudades minhas* — as que outrem sente por mim. D’ahi, a propriedade e eloquencia singular d’estes dizeres: re-

Por isso mesmo o uso claro do possessivo é emphatico e excepcional:

Deixa-me com a *minha* dôr.
Estou na *minha* casa.
Custou-me o *meu suor*. (1)

O uso de *Vosso* nas palavras de tratamento não exige o emprego de possessivos correspondentes:

"Conceda-me *Vossa alteza* a sua graça."
"*Vossa Reverencia* deixou aqui os seus livros."

Vossa Alteza, *V. Magestade*, *V. Ex.*, *V. Senhoria*, *V. Mercê*, *Você*, são todos da terceira pessoa.

ceberás cartas *minhas* (e não *minhas cartas*). Desconfianças *minhas* (partidas de mim). Loucura *minha* (a que me é propria ou de mais ninguém). Por igual, quando a emphase está na pessoa e não na cousa ou objecto de posse, a inversão é de regra:

Formosa filha *minha*, não temaes
Lusiadas, II, 44

(1) Não se approxima d'esta *minha* opinião a de Soares Barbosa. A proposito, escreve-me Firmino Costa:

"Pela regra de Soares Barbosa (*Gramm. Port.* pag. 272) c. adjectivo possessivo se deve repetir a todos os substantivos continuados, e pela regra do sr. Freire da Silva (*Gramm. Por.* pag. 376) o possessivo, uma vez expresso, não deve ser repetido. Para o primeiro, é correcto dizer: *seus vestidos e suas joias*, e não *seus vestidos e joias*; para o segundo, *seu contentamento e espanto*, e não *seu contentamento e seu espanto*. No entanto Soares Barbosa, na propria *Grammatica*, pag. 266, escreve — *seus temores e esperanças*, e a pag. 114 — "*seus usos e propriedades*" — E agora os classicos:

"Olha que te mereço grande amor, porque sou *teu Deus, teu Creator e Salvador*". Bernardes. Luz e Calor, 285.

"Tão amigos de conservarem a fé e de se dilatarem foram sempre *seus paes e avós*." Fr. Luis de Souza, *Vida do Arcebispo*, I, 311. "Não me deixa o *meu sentimento e o meu temor*." Vieira, *Cartas*, I, 333.

"Como se gloriam d'elles em *seus escudos e bandeiras*." Fr. Thomé de Jesus, *Trabalhos de Jesus*, XXV."

2. Demonstrativos

A funcção do *demonstrativo* é algumas vezes expressa pelo artigo *o*: *os de Hespanha* (em fr. *ceux d'Espagne*), *os que admittem*. (1)

Entretanto, com a fórma *o que*, o demonstrativo não envolve sentido de terceira pessoa, como *aquelle que*:

Não sou eu *o que hei* de deixar as minhas raizes, se não vós."

VIEIRA, *Sermões*.

A fórma articular *o* evita a repetição do nome, que seria fastidiosa:

O som da minha voz era o da voz de homem.

(Herc., *Mong.*, II.)

E mesmo frequentemente nem sequer é necessario pol-a clara:

chorando,
Ella males de amor, eu da fortuna.

(*Mal. Conquist.*, III, 92.)

O sentido do demonstrativo *esse* contém o seu significativo etymologico (*ipse*, o mesmo), e que por isso é usado para indicar qualquer cousa já enunciada:

O que acreditar em mim, *esse* será o escolhido.

(1) Já escrevi em outro lugar que os *qualificativos* que por longo habito e emprego antecedem o nome, valem como demonstrativos: O *pio* Eneas, a *bella* Helena. O uso commum no estylo epistolar e na conversação deu a *caro* (*caro* amigo, *caro* snr.) o mesmo valor de mero indicativo. Foi sem duvida por isso que Camões não hesitou escrever:

Cara minha inimiga...

Soneto XVII

em vez de *minha cara inimiga*, que daria outro sentido.

Note-se o uso epistolar de *este* para o lugar donde se escreve e *esse* para o do destino da carta:

Esta cidade... (onde estou)
Partirei para *essa* cidade (a em que estás)

A mesma observação cabe ao uso de *aqui* e *ahi*.

Este, esse e aquelle em composição com *outro* ficam invariáveis: *est'outro, est'outra, est'outros e est'outras*, etc.

3. Relativos (1)

Que resolve-se em *o qual, os quaes*, etc., quando o antecedente fica distante e ha necessidade de clareza.

O livro *que* leste.
O livro da bibliotheca, *o qual* leste.

A razão é que o relativo *qual* serve desde os mais antigos tempos da lingua como recurso para distincção de uma cousa d'entre muitas, e é até *distributivo*.

Tambem serve de nexo da comparação: *feroz qual um tigre*.

Quem com a preposição *sem*, por euphonia, resolve-se em *o qual*: *Sem o qual não debes partir*.

No seculo XVI ha exemplos de syntaxe *sem quem*, e Camões disse:

“Esposo sem quem não quiz amor.”

(*Lus.*, VI, 92.)

Usa-se *com quem, de quem, para quem*.

>*Quem* pôde usar-se com referencia a cousas, comtanto que a estas se empreste idéa elevada:

A terra...

Por *quem* tanto trabalho experimentava (*Lus.*, V, 94).

As lacteas tetas lhe tremiam.

Com *quem* amor brincava (*ib.*, II, 36).

(1) Leia-se adiante a syntaxe das *Conjunções* (Palavras invariáveis).

> Qual também se emprega com a função de distributivo: *qual saiu, qual ficou.*

“Qual do cavallo desce que não vóa,
Qual co’o pennacho do elmo açouta as ancas.”

Cujo representa o genitivo latino de *que* e quem “*O homem cuja casa viste.*”

No antigo portuguez até os tempos na renovação erudita, empregava-se *cujo* como interrogativo: *Cujo é este livro?* E’ um latinismo que desapareceu da lingua.

No seculo XVI ainda *cujo* usava-se como relativo:

“El-Rei de Ormuz *cujo* este logar era.”

(Dec., II, III, 2.) (1)

Que, qual, quantos, são interrogativos *Que homens? Que causa? Que delles?*

“Que poeta que não era
Da linda Ignez o cantor!”

L. Palmeirim.

> A expressão *O que é a vida?* com anteposição do pronome *o*, é provavelmente um brasileirismo. O uso classico não admittre anteposição do *o*. Os bons escriptores contemporaneos confirmam a omissão: *Mulher, que me pedes tu?* (Al. Herculano, *Arrhas*, VIII.) A mesma syntaxe é observada nas linguas romanas. (2)

(1) Este uso está renovado em escriptores modernos.

> (2) O Dr. Carlos de Laet reuniu bom numero de exemplos que documentam a syntaxe do *que* interrogativo na lingua vernacula e em outras linguas romanas (V. *Microcosmo* de 26 de Março de 1888).

Entretanto, é de uso no gallego *o que*, e *il che* no dialecto florentino. nas interrogações, segundo affirma D’Ovidio (*Manual neolat*, II).

Recertemente o Dr. Ruy Barbosa em sua memoravel *Republica* (redacção do Projecto do Codigo Civil) firmou a doutrina classica do assumpto.

Os escriptores modernos portuguezes, porém, empregam geralmente — *O que* — nas frases interrogativas.

Note-se ainda no uso dos relativos:

> a) A equivalencia de *onde*, por *onde*, *em que*, *no qual*, *do qual*, *pelo qual*, etc.

Os valles *onde* (*nos quaes*) nunca soara a voz humana. (Herc., Eur., II.)

No portuguez antigo o uso de *onde* era muito mais extenso, como se vê da edição do Graal:

“Aquelle cavalleiro *onde* me tanto falou (53).

“Era Galvan tal homem *onde* se nam poderia vingar (99).

> b) E' regra geral collocar-se *que* junto ao seu antecedente, e, quando não é possível fazê-lo, como vimos acima, prefere-se o uso de *qual*. Entretanto, pôde-se discretamente e com elegancia evitar o recurso de *qual*, quando o sentido é bastante claro, de modo que facilmente se percebe o antecedente verdadeiro:

“*Muitas cousas* espantam de longe, *que* de perto provocariam riso.”

E o exemplo de Arraes:

“*Aquelle* é proximo a Deus, *que* se move pela razão e não pela ira.”

> c) O uso de *qual* em lugar de *que* é mais auctorizado depois de preposições ou particulas de duas ou mais syllabas. Com quanto se usem — *sem que*, *com que*, *de que* (e tambem *sem o qual*, *com o qual*), o melhor é sempre dizer: *segundo o qual*, *conforme o qual*, *contra o qual*, *até o qual*, etc.

Exemplos:

A razão por *que*...

A razão pela *qual*...

O fim para *que*...

O fim para o *qual*...

A prova, *conforme a qual*...

d) Na lingua archaica, encontramos em sentido adverbial e em outros usos: *canteu* (quanto eu) e *cantés* (quanto é); neste ultimo exemplo *es* está por *é* (como ainda é no castelhano a 3ª pessoa *es*, de ser, no presente indicativo).

4. — Distributivos e indefinidos

Representam função igual a de indefinidos os dizeres: *pessoa alguma, não sei o que, etc.*

Este uso provém da tradição histórica. No latim era frequente o emprego da locução substantiva: *nescio quis* ou *nescio quid*.

A palavra *homem* (*homo*, lat.) algumas vezes representa o equivalente de indefinido: *Não sei de homem que soffra... De memoria de homem, etc.*

Sabe-se que o *on* francez deriva de *homo*; a fôrma vernacula é *um* confundida com o artigo *um* (*unus*). Os exemplos nos seculos XIII e XIV são abundantes: "*Não pôde hum estar que não censure*". (1)

(1) Leia-se, que vem ao caso e a proposito, a nota de Ruy Barbosa (na sua *Replica*):

"O dr. CARNEIRO e, como elle, outros grammaticos têm por "não tolerada hoje" (*Serões*, p. 328-9) a construcção portugueza, em que *homem* entra na accepção indeterminada e vaga do *on* no francez e da particula apassivadora *se* em nossa lingua-gem, donde tem ainda os succedaneos de *um homem, uma pessoa*, ou simplesmente *um*. Mas, classicos de nosso tempo, como CASTILHO e C. CASTELLO BRANCO, ainda usaram d'esta fôrma portugueza, cuja elegancia era pena se deixasse perder:

"Tediada e impolida coisa é falar *homem* de si mesmo".
CASTILHO: *As Metamorph.*, prol., p. XI).

"O que *homem* herda
Só pôde chamar seu, quando o utiliza".
Fausto, p. 46.)

"E' mais facil cortar fundo nos outros do que arranhar *homem* em si proprio". (*Ib.*, p. 414.)

"Deserto é estar *homem* só, como succede a toda pessoa que não tem *aquillo com que mais se accende o engenho*." C. CASTELLO BRANCO: *Noites de Insemmia*, n. 2, p. 41-2.)

"Mas, se ha temeridade sandia, é querer *homem* pôr hombros de supporte ao desabar das velhas coisas." (C. CASTELLO BRANCO: *Prologo dos Combates e Criticas* de SILVA PINTO, 1882, p. XXIII.)

Na antiga lingua existia o indefinido *rem*, hoje archaico: *Non digades rem* (*Rem* = cousa; fr. *rien*).

De, partitivo, com uso analogo ao francez *de*, tem alguns exemplos nos classicos:

"Comerás *do* leite, ouvirás *dos* contos e partirás quando quizeres." Lobo — *Pastor peregr.*, II, Jorn.

"Mandei enforcar a quantas esperanças dera *de* comer." Camões, *Carta I.* (2) (3)

Uma ou outra vez este uso, que é ainda do povo, apparece em escriptores do nosso tempo. Na lingua antiga esse *de* partitivo podia vir ainda acompanhado de outra preposição como nos exemplos de Mestre Giraldo:

— Esfreguem-lhas (queixadas) muito *com do* sal e *com do* farelo (pag. 15).

— Lava o lugar *com do* vinho quente (pag. 39).

Livro de alveitaria (Res. Lus.)

Dos distributivos já vimos o uso de *qual* (a proposito dos *relativos*). Com o mesmo uso acham-se em Camões, *um, quem* e *tal*:

Tal dos mancebos ha (*Lus.*, IX, 73).

Quem se afoga nas ondas,

quem bebe o mar (I, 92).

(2) Apud Euphancio Dias na *Synt. hist.* os dois exemplos ultimos citados.

(3) Outros exemplos colhidos pelo douto philologo Dr. Silva Ramos, foram publicados na edição anterior, e aqui se não incluem, por falta de espaço, mais que os seguintes:

Acido, tens ovelhas e tens cabras
De que tiras *da* lã, tiras *do* leite.

(Camões, *Egloga XIII.*)

Não quero comer *do* pão,
Nem *do* vinho beberei.

(Garrett — *Romanceiro*, T. I. pg. 152.)

Trazem *das* flôres vermelhas,
Das brancas para o enfeitar.

Idem, pg. 163).

Um mõe o cravo e a canella
Outro mõe *do* gerzeli.

(Idem, T. II, pg. 9.)

Os distributivos partitivos e os indefinidos não oferecem dificuldades de uso. Façamos, porém, as seguintes observações:

— Quando a proposição é de sentido *negativo*, prefere-se no rosto da phrase a palavra *algum* posposta ao substantivo, ou *nenhum* anteposto:

Homem *algum* poderá saber.
Nenhum homem poderá saber.

A primeira diz mais e é mais emphatica que a segunda. (1)

A proposição será sempre *negativa*, se *algum* ou *nenhum* (com sentido negativo) não estiverem no rosto da phrase:

Não o saberá homem *algum*.
Não o saberá *nenhum* homem.
Ninguem escutou cousa *alguma*.

Affirmando a *negativa*, diz-se: *não sei nada*. Exclue-se o *não* da interrogativa se esta envolve duvida:

Quem sabe lá *nada* da outra vida?

Herc., *Mong.*, IX.

— *Nenhum* pôde ser usado com sentido affirmativo e equivalente ao de *qualquer* na expressão — *mais que nenhum*: n'este caso, a proposição será sempre de forma affirmativa:

Thetys quer *ferir*, *mais que nenhuma*.

Lus., IX, 48.

(1) Esse acompanhamento da negativa é muito frequente com *al* desde as mais antigas épocas da lingua (Carol. Michaëlis — *Canc. da Ajuda, glossario*):

Ja me non pode en al prestar. 45.
E non por al 2943.

E nos raros empregos de *al* na linguagem moderna “de por *al* não convier”, não dizes *al*”, o sentido de duvida ou negação é o que prevalece.

Um em relação a todos os demais é partitivo:

“Um é o que governa, os outros são os governados.”

Note-se o exemplo seguinte:

Os alifantes seguem a *um*, os groux a *um*, as abelhas a *uma*. Heitor Pinto, *Imagem da vida christã*, I, V, 132.

— *Cada qual* e *cada um* têm proximamente o mesmo sentido; *cada qual* fica proximo do verbo, o que póde não succeder a *cada um*.

Cada um dos soldados trazia lança e espada
(e não cada qual dos soldados)
cada qual trazia lança e espada.
“De idade *cada qual* era mancebo.”

Camões — *Egl.*, IV.

São distributivos *muitos*, *poucos*, *muitos de*, *os mais de* ou *do*, *poucos de*, *poucos dos*, etc.:

Estas *poucas* de lagrimas derramadas. (F. Alvarez do Oriente, *Lus. Transf.*, 171.)

* Nestes *poucos de dias* que Deus lhe dá de trabalho. (Fr. Luis de Souza — *Vida do Arceb.*, I, 208.)

Raras vezes, *todos* se emprega com a funcção de distributivo e equivalente a *cada qual*, *cada um* (onde estes talvez fossem preferiveis):

“E aqui quadra o que disse o Padre Famiano Strada, que quando *muitos* ouvem o que deseja o principe, *todos* fazem por levar a dianteira *aos mais*, para que não pareçam que não queriam, querendo em ultimo lugar.” M. Bernardez, *Floresta*, IV, 226.

Parece que dizendo *todos* não haveria lugar para *os mais*. Quando a idéa de universalidade se torna imprescindivel, é costume mais geral dizer “*todos e cada um*” n'uma unica locução.

— Todo usa-se geralmente com ou sem artigo no singular: *Todo o homem*, ou *todo homem*; *toda a mulher* ou *toda mulher*; *toda a terra*, ou *toda terra*.

No plural, porém, o uso de hoje é fazer seguil-o do artigo:

Todos os homens.

Todas as terras.

Em outro tempo havia o uso de dizer ou escrever: — *todas terras*, *todas partes* — e assim *todos homens*. syntaxe rara em outro tempo e agora inteiramente desusada.

Os archaismos — *todos los dias* — *todalas pessoas* — que o povo ainda repete em varios lugares, demonstram o uso geral do artigo. (1)

(1) Veja C. Goes — *Syntaxe*; Said Ali — *Diff. da l. port. e outros*.

IV

Syntaxe do pronome pessoal

Da collocação do pronome pessoal enclítico trataremos na lição que será consagrada especialmente ao assumpto.

Ordem. — Quando occorrem dous pronomes antes do verbo, o pronome sujeito vae antes do outro: *Mandou que tu lhe entregasse o livro.* Com a primeira pessoa, póde-se todavia dizer: *Que lhe eu entregasse.*

Era esta a syntaxe antiga. Nos bons seculos das letras era uso da lingua collocar por ultimo o pronome sujeito. Eis o que se lê na Regra de S. Bento: "*a qual cousa se a tu ouvires*". Hoje dizemos: *se tu a ouvires.*

Sempre esta syntaxe foi a dos classicos, mórmente quando occorria o pronome *lhe*:

"Em vestir-se de lan que lhe elle dêsse." (F. Alvarez do Oriente, *Lus. transf.*)

Duplicação. — E' um caso de emphase a duplicação de idéas, constituindo *idiotismo* romanico:

Eu me parece que viverci pouco.

Irmã, já a não tenho.

Que me importa a mim, a gloria? (Eur., VIII.)

Ou se lha dão a ella as bellas flôres (*Lus.*, IX, 61).

— Outro emprego de duplicação se nota, quando depois do possessivo *seu* occorre o complemento pronominal — *d'elles*: “*Contemplavam as montanhas e notavam a sua formosura d'ellas.*”

E cousa analogo encontra-se na ed. do Graal:

“...falou dos *seus* peccados *que fez.*”

Aquella syntaxe é classica e pura. Nesse uso não ha pleonasmos. E' um recurso com que a lingua portugueza supre a falta do pronome romantico *loro*, no francez *leur*: *leurs enfants*, os seus filhos *d'elles*. No castelhano antigo existiu a fórma *lures*.

— Uso proprio e idiomatico da lingua portugueza é omitir os pronomes sujeitos:

Oh não te *chamarei* ingrata;
Sou filho teu: meus ossos *cobre* ao menos.
Garrett (*Camões*).

Entretanto, se ha necessidade de emphase e ha collocação indirecta, o pronome deve estar claro.

No dialogo: — “Sim, repliquei *eu*”, é de uso frequente.

Infeliz patria, serves *tu*, princeza,
Tu, senhora dos mares!
Garrett (*ib.*).

Notem-se ainda os seguintes empregos:

a) Na linguagem familiar usa-se de *seu*, *sua* (talvez contracção de *Snr.*, ou confusão com esta palavra), no sentido de *você*:

Dê cá um abraço, *seu* diabo,
seu magricela do inferno,
G. d'Amorim. (1)

(1) Gramm. de Meyer-Lübke, III, 95. “E em Machado de Assis: — *Seu* barbeiro, *você* é pernóstico — *Quincas Borba.*” (Nota de Firmino Costa).